

3.1 Artigos Originais

3.1.1 Linhas de convergência entre Psicologia e Espiritualidade à luz de uma Antropologia Cristã. Aula Magna proferida no Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

Dom José Negri é Bispo da Diocese de Santo Amaro

E-mail: domjosenegri@diocesedesantoamaro.org.br

COMO CITAR O ARTIGO:

NEGRI, J. **Linhas de convergência entre Psicologia e Espiritualidade à luz de uma antropologia cristã. Aula magna proferida no Centro Universitário Ítalo Brasileiro.** URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.9, n.4, p. 74-87, out/2019.

Premissa

Para dar início à nossa conversa, devemos absolutamente levar em consideração o que foi considerado o “grande código” da nossa cultura ocidental: a Bíblia. É sabido que Goethe considerava o cristianismo a “língua materna” do Ocidente, porque representava uma espécie de “imprinting” que todos carregamos em nosso sangue. Para alguém, isso pode representar um peso, mas para muitos poderia representar uma preciosa herança.

Um conceito fundamental importante a ser visitado vem de uma concepção personalista, a de pessoa humana. Quem está no centro da nossa discussão é o homem e a mulher.

Dois textos fundamentais do Gênesis, que estão no princípio de qualquer discussão sobre a antropologia cristã e também da própria antropologia ocidental, podem ajudar a focar o nosso tema.

Desde as primeiras linhas da Bíblia se diz que “ Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou” (Gn 1,27). Normalmente, essa frase está por dentro da tradição – basta pensar que S. Agostinho se referiu a ela para declarar implicitamente a existência da alma: a imagem de Deus em nós seria a espiritualidade. Qual seria, portanto, a característica fundamental que define a pessoa na sua dignidade mais alta, “imagem de Deus”? Se refletirmos melhor o texto bíblico, podemos considerar que o paralelo de “imagem de Deus” corresponde propriamente à expressão “homem e mulher os criou” (cfr. Gn 1,27).

Como pode, então, ser homem e mulher a mais alta representação da nossa dignidade transcendente? Aqui podemos

identificar a primeira dimensão antropológica, e ela é horizontal, isto é, a grandeza da natureza humana é situada na relação homem e mulher. Trata-se de uma relação fecunda, que nos torna semelhantes ao Criador, pois quando dessa relação fecunda homem/mulher é gerada uma vida, a humanidade, em certo sentido, continua a criação. Eis, portanto, um primeiro elemento fundamental: a relação! A pessoa não é uma realidade fechada em si mesma; antes, é um “eu ad extra”, uma realidade sempre aberta. Somente assim a pessoa alcança a sua plena dignidade, tornando-se imagem de Deus. Tal relação é constituída por dois rostos diferentes e complementares: o do homem e o da mulher.

Ainda nessa visão personalista, passemos agora para uma dimensão não mais horizontal, mas “vertical”. Para isso recorreremos a outra frase do Gênesis: “Então, o Senhor Deus modelou, com o pó do solo, o homem e soprou-lhe nas narinas o sopro da vida; e o homem tornou-se um ser vivo”(Gn 2,7). Para entender o verdadeiro significado do texto é necessário voltar ao que diz o original em hebraico, que se encontra em Provérbios, onde o “sopro da vida” seria como “uma lâmpada do Senhor que ilumina os antros escuros do ventre” (Pv 20,27). Na tradução bíblica da CNBB, apresenta-se como “o espírito do ser humano é uma luz do Senhor que esquadrinha todos os segredos do seu íntimo”. Assim, fica fácil compreender como é representada a capacidade da pessoa de ir em profundidade através da luz do Senhor, e esse movimento podemos nomear propriamente de espiritualidade.

O que Deus sopra em nós? É algo que é repetido vinte e seis vezes na Bíblia e, curiosamente, aplica-se somente a Deus e às pessoas, nunca aos animais. Essa é uma qualidade que Ele tem e que nós podemos partilhar com Ele, isto é, uma espécie de autoconsciência.

Podemos dizer, portanto, que aqui identificamos outra dimensão da pessoa, além da relação, a capacidade transcendente que a leva a estar unida com o próprio Deus: é a sua capacidade de possuir uma interioridade, de crescer em intimidade e de ter uma espiritualidade.

1. O Mistério

Tudo o que foi ponderado, até o momento, remete-nos a uma categoria que pode ser encontrada seja na psicologia, como também na espiritualidade: o conceito de Mistério.

Inicialmente, faz-se necessária uma explicação: mistério, aqui, não é entendido como “enigma”, isto é, não se trata de obscuridade, excesso de escuridão e, conseqüentemente, de impossibilidade de entender o ser humano. Mistério é uma dimensão ulterior, que transcende o ser humano de maneira significativa, a ponto de conter a plena revelação da verdade da pessoa. O mistério não revela imediatamente essa verdade, mas a deixa entrever e a revela aos poucos ao ser humano, através de muitos caminhos.

Poderia surgir, então, a pergunta: como adentrar neste mistério? Como decifrar este mistério que está dentro de nós, como vimos na introdução, mas que ao mesmo tempo nos transcende?

Padre Franco Imoda, já Reitor Magnífico da Gregoriana e Presidente do Instituto de Psicologia, afirma que a categoria “mistério” é uma categoria teológica, mas também psicológica: isto é, ela atravessa todo o “eu” psíquico e, por isso, recebe um significado muito mais profundo daquele que nós lhe atribuímos, seja em âmbito psicológico que teológico.

A ideia da fé cristã era, e ainda é, pensada como adesão da pessoa a Algo/Alguém que a supera, que não se deixa “encaixotar” pela razão, pelo pensamento humano, que não se deixa destruir com raciocínios psicológicos, nem tampouco teológicos. E isso é aceitável, pois, do contrário, perderia a dimensão de mistério.

A ideia de mistério parecia propriedade unicamente da teologia, como dimensão que se sobressaía nas liturgias e que estaria na origem da linguagem mistagógica.

Segundo o autor citado, o “eu” é mistério em si mesmo, intrinsecamente, mas isso não somente porque ele está aberto ao mistério, quase como se essa fosse uma consequência possível. O “eu”, como mistério, é todo o “eu”, aquele que comumente chamamos de “eu psicológico”, mas também, como ele é profundamente definido, como mistério, não se revela totalmente naquilo que faz e diz, mas o deixa transparecer.

O ser humano não pode fazer nada sem deixar, de certa maneira, emergir o mistério que o define, deixando vir à tona, aos poucos, fragmentos deste mistério, nas suas aspirações, como nas tentações, naquilo que o atrai instintivamente, como naquilo que ele teme, nos sinais da sua maturidade, como também nos sintomas da sua imaturidade, e que, segundo uma análise psicológica, poderá descobrir.

É diferente, portanto, dizer que a pessoa está aberta ao mistério, e de outro lado, dizer que a pessoa é um mistério em si mesma.

2. Espiritualidade e psicologia: uma difícil integração.

Diante daquilo que foi proposto na parte anterior, resulta claro que existe na pessoa humana uma abertura, ou seja, uma tendência para abrir-se ao horizonte transcendente, a um mistério que a transcende, como também uma descoberta e surpresa para um mistério intrínseco a ela mesma, na qual os elementos psicológicos poderão ajudá-la a aprofundar-se sempre mais.

Erros comuns, que acontecem no processo de auxiliar uma pessoa a compreender-se melhor, podem vir de um “reducionismo a partir de baixo”, que parte de um olhar da pessoa somente a partir das dinâmicas intrapsíquicas e dos valores unicamente humanos. Tal leitura isolada e redutiva, muitas vezes, pode esquecer a realidade do mistério que a pessoa carrega em si mesma, favorecendo assim um “egocentrismo” e uma “autorrealização”. Vários autores se posicionaram neste sentido (Rogers, Maslow, Fromm). Todos eles falam de valores como amor, justiça, verdade, mas a medida destes valores permanece sempre no homem, no indivíduo, relativo e subjetivo.

Por mais que o homem se autor realize praticando determinados valores, será sempre algo que lhe servirá, mais ou menos subconscientemente, para se gratificar ou para se defender. O ápice deste pensamento encontra-se em Fromm, o qual defende que Deus não é senão o homem realizado : “Não existe um reino espiritual fora do homem que o transcenda”.¹

Outro risco, oposto ao precedente, é definido como “reducionismo a partir do alto”. Esse risco esquece a complexidade das motivações

¹ Cfr. FROMM, Erich. Psicanálise e Religião. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1962

humanas e privilegia somente as características espirituais e racionais. É possível, nesta descoberta progressiva do ser humano, que aconteça uma certa espiritualização, atribuindo a Deus o trabalho de busca, de procura próprios da pessoa. Pensa-se que a espiritualidade seja a resolução de todos os conflitos e dinâmicas internas da pessoa. A espiritualidade, neste caso, é usada para se defender do trabalho minucioso e particular do conhecimento de si. Ao longo dos séculos já foram levantadas objeções, afirmando-se o pouco uso da psicologia, esquecendo que todos os mestres de vida espiritual sublinharam a importância do conhecimento de si, para adquirir uma verdadeira santidade. Pensemos na invocação de Santo Agostinho: “Que eu te conheça, ó conhecedor de mim, que eu te conheça, tal como sou conhecido por ti.”²

2.1 Uma tentativa de integração

Na tentativa de poder sinalizar concretamente os âmbitos nos quais seria mais fácil entrever convergências entre o dado psicológico e a abertura ao mistério por parte da pessoa humana, utilizarei “parâmetros” que vêm da experiência relacional na psicologia evolutiva.

A palavra “parâmetros” indica situações antropológicas ligadas ao desenvolvimento da pessoa, para ilustrar como pode acontecer esse crescimento. Assim, o próprio termo ajuda a estabelecer uma passagem entre o que é muito humano e o que, ao mesmo tempo, tem uma dimensão que pode ser interpretada à luz do mistério cristão. Ilustrarei, portanto, esses três parâmetros: alteridade, temporalidade, gradualidade.

² S. Agostinho, Confissões, Livro X.

2.2 A alteridade

Retomando o aspecto bíblico, com o qual quis introduzir essa minha explanação, sublinhava como, na origem de tudo, o aspecto essencial para a subsistência da pessoa humana é a relação.

Quando se fala de **alteridade**, trata-se de considerar a importância da relação com um outro mundo diverso de si, através do qual a pessoa começou a despontar e a se desenvolver desde o princípio. O “outro” são os vários “tus” humanos, que de algum modo atravessam a existência do “eu”; aqueles que, começando pelos pais, consentiram que a pessoa se tornasse aquilo que é. O “outro” é o ambiente existencial, o lugar onde acontece o desenvolvimento da pessoa humana, com todas as suas provocações e ambiguidades; enfim, o “outro” é o Tu divino, aquele que está na origem da existência de cada pessoa, como pergunta e resposta, mas também como fonte enriquecedora. Imoda, em Psicologia e mistério, diz que “o ser humano não só se enriquece, mas se realiza quando sai da realidade supostamente conhecida e se abre ao mundo de uma alteridade sempre mais transcendente”.

Se é verdade que a alteridade faz crescer e enriquece, é também verdade que negando a alteridade há um certo risco de cair no subjetivismo, que alguém caracterizou como “narcisismo”. O “eu”, sem uma relação e um confronto com o outro, torna-se autoridade sobre tudo e sobre todos. A cultura atual pode cair nesse risco quando se dirige ao “eu” contrastando o outro ou o Outro, fazendo do “eu” o seu “tudo”.

Nas últimas décadas, a psicologia intersubjetiva fez descobertas interessantes. Aqui faço somente uma menção, pois me delongaria

demais se quisesse aprofundar o assunto. As teorias da intersubjetividade nos dizem que o “eu” não está somente aberto a um “tu”, e mediante ele, a um objeto externo, mas que aquele “eu” se constrói através da relação e, sem esse contexto, deixaria não somente de ser si mesmo, como também de se doar.

Para fugir da bipolaridade, isto é, de uma relação muito fechada que poderia dar espaço à submissão, ou à dependência, realidades essas imaturas de viver a relação, certos autores da psicologia intersubjetiva propõem a “terzietà”.³

A terzietà parte da relação, mas a supera, isto é, cria um espaço novo, algo que vai além da polaridade. Quando, na antropologia cristã, dizemos que toda relação deve abrir-se à transcendência, não estamos dizendo que ela tem uma tarefa a mais, mas simplesmente estamos admitindo aonde ela deve levar o objeto que a relação visa ao transcender.

O que me parece importante sublinhar é que também em psicologia se admite a presença de uma terceira pessoa, que não é somente o “eu” ou o “tu”, mas, na luz cristã, seria o caráter trinitário da relação, que se abre a algo de superior, que já foi o conteúdo da promessa de Jesus: “Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18,20).

2.3 A temporalidade

³ Cfr. F. CERAGIOLI, «Dalla diade alla terzietà. Nuove luci sul significato di relazione», in *Tredimensioni* (2015)2.

A pessoa pode ser entendida não só a partir do seu colocar-se frente a frente com o “outro”, ou com o ambiente circunstante, mas também em relação ao seu desenrolar-se no tempo e, portanto, podemos dizer que a categoria de mistério aflorará também neste parâmetro.

Continuando no pensamento de Imoda, pode-se afirmar que o ser humano pode ser visto em cada momento como um ser “recebido”, e isso expressa aquilo que ele já é, o que foi, e se enraíza no passado. Por outro lado, o ser humano é também projeção, consciência que se atualiza no presente, aquilo que uma pessoa é; mas é também, através das escolhas que o transformam ativamente em atualidade, algumas das quase infinitas possibilidades, em direção a um “ainda não”, isto é, um futuro que vai se construindo.

Na perspectiva da relação que estamos estudando, é importante observar quais foram os encontros vividos no passado, as pessoas que deixaram marcas, começando a fazer parte da nossa vida, mas é importante não descartar um passado em que as relações constituíram bloqueios, ou modelos de relação que se repetem. Neste caso, devemos admitir, como fazem certas psicologias deterministas, que a pessoa é vítima do seu passado (como no mito grego de Sísifo), que se repete no inconsciente? À luz do mistério que existe em cada sujeito, a pessoa não está destinada a se repetir, mas, assumindo o seu passado, ela assume também as consequências e as apresenta ao Outro, ao Mistério, para poder interpretar que também um passado não tão fácil, pode fazer parte de uma história de salvação.

2.4 A gradualidade

A realidade de mistério da pessoa humana encontra a sua expressão também na complexidade dos níveis de desenvolvimento, que chamamos de estágios.

A lei psicológica do amadurecimento humano poderia ser também definida pela lei espiritual que se encontra no Evangelho e que foi pronunciada por Jesus: “Quem ama a sua vida perde-a, quem está pronto para perder a sua vida, há de guardá-la para a vida eterna” (Jo 12,25).

No processo de amadurecimento, a criança não chega a um próximo e novo estágio sem a renúncia e o desapego do estágio precedente; por exemplo, o processo do desmamar; a chegada de um novo irmãozinho(a), que a faz superar o egocentrismo, para se abrir a um estágio de socialização, para se integrar nos outros e transcender-se no “nós”.

As doenças psíquicas, muitas vezes, nascem da resistência em aceitar o sofrimento necessário de passar a um outro estágio, para ficar em uma zona de conforto, em uma situação já conhecida, com medo do novo, ou com receio que os outros possam me despersonalizar.

A imagem que pode ser útil, neste momento, é a da espiral. O amadurecimento da pessoa não se insere em uma linha contínua, onde há um ponto de partida e um ponto de chegada; nem pode ser pensada em um círculo redondo, onde a pessoa é determinada a repetir, continuamente, estágios do passado, sem nunca chegar a uma plena realização de si. A espiral nos sugere que a pessoa supera os estágios, passando do menos maduro ao mais maduro, e que, em certos momentos de sua vida, pode ter uma regressão, mas em vista de uma retomada mais acertada para crescer.

Em tal visão, são contempladas também as regressões. Às vezes, faz-se necessário regredir aos estágios infantis (como o jogo, por exemplo), mas para relaxar um pouco e ter mais impulso para retomar a caminhada.

O elemento humano, que “resiste” diante da mudança, não é descartado, mas é levado em consideração, em vista de uma transformação na qual se passa de uma luta humana para uma luta espiritual, onde o ponto de chegada é o próprio Cristo, que resume em si todos os critérios de maturidade e de perfeição à qual a pessoa humana é chamada. “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (Col 1,15).

3. Conclusão

Esta apresentação não tem a pretensão de ser um tratado sobre toda dimensão psicológica-espiritual (existem já tantos bons escritos de indubitável valor, alguns aqui citados). Antes, pretende ser uma reflexão que nos permita aprofundar o olhar sobre a integração tão necessária entre a espiritualidade cristã e a psicologia moderna.

A pergunta sobre o mistério de Deus é uma questão eminentemente pessoal e se refere à esfera mais profunda e última da existência. Por isso, diz respeito a cada pessoa humana de modo inelutável.

Com esta reflexão, esperamos ter trazido um pouco mais de luz a esta questão, que reveste a pessoa em todas as suas dimensões vitais, já que sua resposta repercute de maneira decisiva, quer seja sobre a compreensão de si mesma, quer seja da realidade que a cerca em todas as suas dimensões, ou seja, a alteridade (Deus, o outro, o

mundo). Em última análise, é uma resposta que se configura no horizonte da própria existência.

Tal resposta determina, em síntese, o modo de relacionar-se do homem diante de todos os eventos da existência e de suas consequências, ao mesmo tempo em que sua dimensão espiritual vem sempre à tona em suas relações. Assim, uma devida integração com sua própria psicologia, na temporalidade e gradualidade, faz-se necessária, uma vez que faz parte da sua forma pessoal de sentir, de se relacionar, e, por que não dizer, de amar?

A questão aqui tratada, a integração entre a espiritualidade e a psicologia, em sua dimensão mais profunda, continua a ser, portanto, uma meta, como também um desafio pessoal e comunitário, que exige, de cada um de nós, uma resposta, que interpele o nosso ser em sua intimidade mais profunda, sem jamais ceder a reducionismos, seja espiritualizando demasiadamente nossas relações, bem como aderindo a certos psicologismos ingênuos, que, por uma antropologia equivocada, reduzem o homem, e seus questionamentos mais essenciais, em fenômenos meramente horizontais e oriundos de sua própria mente.

REFERÊNCIAS

CENCINI, A.; MANENTI, A. “Psicologia e Teologia”, EDB, Bologna 2015.

CERAGIOLI, F. «Dalla diade alla terzietà. Nuove luci sul significato di relazione», in Tredimensioni (2015)2, Ed. Ancora, Milano.

FORTE, B. “Teologia e Psicologia: resistenza, indifferenza, resa o integrazione?” in Franco Imoda (a cura di) “Antropologia Interdisciplinare e formazione”.EDB, Bologna 1997.

IMODA, F. “La figura di colui che inizia altri alla fede: approccio filosofico”, in AAVV. Rinascere dall’Alto, Editrice Ancora, Milano 1994.

_____. Sviluppo umano, psicologia e mistero, EDB, Bologna 2005.

FROMM, E.. Psicanálise e Religião. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1962

NEGRI, J. PIME, “Direção espiritual e colóquios de crescimento vocacional. Linhas de convergência entre Psicologia e Espiritualidade”. Edições São Bento, Bahia 2007

ROMERA, L. “Finitudine e trascendenza. L’esistenza umana davanti alla religione”.Edizioni Università della Santa Croce, Roma 2006

RULLA, L. M. , “Lo sviluppo della relazione: come contributo al discernimento “ in “Antropologia della vocazione Cristiana”. Vol III – Aspetti Interpersonali, EDB, Bologna 1997